

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

LUCIENE IVONE DE LIMA

**"A Formação do Professor
de
História"**

Uberlândia, 1990 - 1998

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZA-
GEM DE HISTÓRIA - UFU

N.º 1229

Data 09/03/98

UFU - 1998

1210

1210 - Leahr

LUCIENE IVONE DE LIMA

“A Formação do Professor de História”

Uberlândia, 1990 - 1998

Monografia desenvolvida pela **Graduada Luciene Ivone de Lima**, como critério para conclusão do **Curso de História** no **Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia** sob a orientação da **Profª. Christina Roquette Lopreato**.

UFU - 1998

Agradecimentos

Aos meus pais Valdir e Lucy,
que foram não somente pais, mas sim
amigos, fazendo-me reconhecer que
tenho muito que aprender com a vida.

À você Luciana, amiga-irmã,
agradeço todo seu apoio e colaboração.

À Christina,
que gentilmente me ajudou no desenvolvimento
desse trabalho.

À todos os entrevistados que motivaram
ainda mais no desenvolvimento da
pesquisa

Sumário

INTRODUÇÃO	1
<u>CAPÍTULO I</u>	
CONCEPÇÕES DO SER PROFESSOR	11
<u>CAPÍTULO II</u>	
O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR	22
<u>CAPÍTULO III</u>	
PERSPECTIVA E ANSEIOS FRENTE À PRÁTICA PEDAGÓGICA	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
FONTES CONSULTADAS	49
BIBLIOGRAFIA GERAL	51

INTRODUÇÃO

Neste trabalho procurei caracterizar a relação entre concepções metodológicas estudadas na Universidade , e a realidade da prática pedagógica, pensando que tipo de professor a universidade está formando para o ensino de 1º e 2º graus.

A minha motivação inicial para desenvolver esta pesquisa, nasceu quando participei do estágio de Prática I e Prática II coordenado pela professora Kátia. Neste estágio percebi as diferenças entre o 1º e 2º graus . Foi desse estágio e de reflexões teóricas que nasceu a vontade de pesquisar as características e quais as opções metodológicas de ensino tem o professor de historia formando ou em vias de concluir o curso de história da UFU.

A principio, meu propósito era trabalhar com história oral, relatando experiências dos próprios professores da rede pública tentando perceber a metodologia de ensino, utilizada por esses professores, percebendo também como os alunos recebiam tais discussões e manifestavam seus interesses.

Os meus questionamentos sobre a prática do ensino de história surgiram durante o estágio. Não concordava com o método a forma e a perspectiva com que a professora trabalhava a

disciplina de história. O que prevaleceu neste estágio foi a certeza, de que os próprios professores de história, transformavam seu curto espaço de tempo de aula, momento que deveria ser dedicado para reflexões, desenvolvimento crítico de seus alunos, em momentos de “lazer” ou de desenvolvimento de outras atividades, como resoluções de exercícios de matemática, física , etc.. tidos como mais importantes.

Em um segundo momento, constatei que sendo eu uma aluna universitária cheia de críticas, observações, não possuía uma proposta de ensino, nem alternativas metodológicas para passar àquela professora. Isso instigou-me a pesquisar a problemática da formação do professor de história.

A preocupação em se trabalhar com o tema “A formação do professor de história” não é recente. Autores como, Luiz Carlos Villalta, Elza Nadai, Selma do Carmo Nunes, Selva Guimarães Fonseca e tantos outros, vêm levantado questionamentos importantes sobre o professor história.

A inspiração teórica maior para este trabalho vem da obra da historiadora S. G. Fonseca. Assim nos interessa investigar não apenas as práticas pedagógicas dos professores, mas fundamentalmente suas concepções de história, sua perspectiva e expectativa quanto ao ensino.

O encontro com a obra da Selva Guimarães me pareceu providencial. Eu, confusa e preocupada com o ensino de história, me sentindo despreparada para enfrentar, ou melhor, assumir a responsabilidade de uma sala de aula (com o decorrer da pesquisa constatei que é uma insegurança presente em todo universitário que começa a carreira de professor), encontrava com uma historiadora que misturava conhecimento teórico, uma linguagem simples, muita investigação apresentava preocupações sérias sobre o ensino de história e a carreira dos professores.

Duas citações de Selva Guimarães Fonseca explicam um pouco a afinidade com seu trabalho.

“Ao iniciar minha carreira no magistério do 1º grau no final da década de 70, momento de intensa mobilização dos professores da rede pública em Minas Gerais, no movimento grevista de 1979, muito me impressionou o que parecia uma lacuna existente entre a História que se discutia e se produzia na Academia e aquela destinada ao ensino nas escolas de 1º e 2º Grau.

“Por outro lado, deparei-me com uma realidade na qual pais, alunos e muitos professores encaravam História como unicamente o estudo do passado dos grandes homens e heróis cristalizados no social. Ou seja, o conteúdo da disciplina História aparecia como algo totalmente externo a vida deles, que não lhes dizia respeito, logo, para muitos, História não servia para nada e não devia existir no currículo”.¹

Ao meu ver os questionamentos e as colocações da professora Selva são essencialmente importantes. Trabalhou com ensino de história, enfrentando no cotidiano escolar a tarefa de se criar formas de ensinar história e conseqüentemente de renovação do ensino. Selva Levou em conta a experiência humana de mestres ligados ao ensino de 1º e 2º Graus.

A minha proposta de trabalhar com expectativas e propostas de ensino de profissionais da história recém-formados, estava em perfeita consonância com a proposta de “História vida de mestre da história da professora Selva. Trabalhei com professores, inseguros, despreparados, mal remunerados, ou ainda vivendo em permanente conflito, pois sentem que, tendo um amplo domínio de

¹ Fonseca Selva Guimarães
Caminhos da história ensinada - Campinas SP: Papirus 1993
Coleção Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico.

conteúdo e devendo ensiná-lo não tem aqueles conhecimentos básicos para bem desenvolver suas atividades de professor.

Inicialmente, era minha intenção trabalhar somente com professores que tivessem, lecionando em escolas públicas do Estado. Dado a dificuldade de localizar esse pessoal e também a escassez de tempo, delimitei que a pesquisa seria realizada com alunos já formados ou que estivessem se formando no curso de história da UFU. E que todos deveriam estar lecionando, agora não mais restrito somente às escolas estaduais.

Uma das grandes dificuldades muitas vezes em se trabalhar com determinado assunto é a escassez de fontes documentais . Optei por trabalhar com história oral, por uma questão pessoal. E também por considerar que a história oral me daria melhores resultados. Ao trabalhar com experiência e perspectiva de ensino e de vida de jovens professores, (trabalhei com professores que se formaram a partir dos anos 90) percebi que o desenvolvimento da pesquisa, através de entrevistas orais, me dariam uma dimensão e resultados bem melhores.

O trabalho da professora S.G. Fonseca foi, uma vez mais, importante para o desenvolvimento da pesquisa pois me possibilitou situar dentro do debate e do contexto do uso da

história oral. O seu trabalho e de outras leituras² e a minha participação em alguns encontros de estudos sobre história oral coordenados pela professora Coraly Gara Caetano me ajudaram com relação à discussão sobre história oral.

A princípio comecei a pesquisa considerando que todos os professores vinham enfrentando sérios problemas com o ensino de história, que a maior parte dos professores de história se encontra despreparada para exercer seu cargos, sendo que a responsabilidade maior por esses problemas era da Universidade, pois como órgão responsável pela “qualificação” intelectual dos profissionais, vem servindo apenas ao interesse do mercado de “formar” profissionais à nível de 3º Grau. A partir das entrevistas tive que fazer algumas reavaliações. Em primeiro lugar percebi que o ensino de história enfrenta sem dúvida problemas, mas percebi que há muitos professores interessados e com boas propostas metodológicas de ensino. Muitas delas aplicadas no dia

² O depoimento de Elza Nadai expressa, com muita propriedade a trajetória do Ensino de História nas escolas do Brasil:

“O conceito de História que flui dos programas e dos currículos é assim, basicamente aquele a identifica ao passado e, portanto, à realidade vivida, negando sua qualidade de representação do real, produzida, reelaborada, na maioria das vezes, anos, décadas ou séculos depois do acontecimento. Essa forma de ensino, determinada desde sua origem como disciplina escolar, foi o espaço da história oficial na qual os únicos agentes visíveis do movimento social eram o Estado e as elites. (...) Nos anos cinquenta/sessenta, essa renovação direcionada para o aprofundamento dos fundamentos científicos e do papel formador-crítico da disciplina, atingiu a escola secundária devido a recrutamento dos docentes ser feito no seio dos licenciandos, ainda não em maioria, mas suficientemente expressivos, que propiciou uma outra qualidade ao seu ensino; acontecimento rememorado pelos estudantes que a percebiam como ferramentas para compreensão do social. Elza Nadai, texto O ensino de história no Brasil : trajetória e perspectiva - Revista brasileira de história 25/26.

a dia outras não, devido, às vezes, ao sistema burocrático da escola. Partindo daí tive que ter uma certa abertura para mudar um pouco os rumos da pesquisa, para manter-me o mais fiel possível a realidade.

O roteiro da entrevista foi organizado privilegiando primeiramente dados pessoais, nomes, nascimento, escolas em que estudaram, a partir daí foi questionada a opção por história, pelo ensino, a experiência profissional e perspectivas quanto a carreira. Quando o assunto tornava-se mais solto e a conversa mais afetiva eu incorporava a discussão sobre o papel da academia na sua vida profissional e até mesmo pessoal.

Estabeleci um numero de 8 entrevistados por considerar que ao se trabalhar história oral sempre se encontra diversas dificuldades.

Das oito entrevistas, sete delas se deram através de um questionário onde os entrevistados, muitas vezes levavam para casa e me traziam respondido. Somente uma das entrevistas foi gravada em fita cassete por preferência da própria entrevistada. Uma das dificuldades enfrentadas diz respeito à dificuldade de localização das pessoas que se formaram ou estavam se formando e que ainda estivessem freqüentando as aulas. Quando chegava a

localizá-los geralmente eram em seus locais de trabalho e como professor exerce uma tripla jornada de trabalho, não tinha tempo de me conceder entrevista, e, muitas vezes, eu nem conseguia explicar o objetivo do meu trabalho.

Assim, em alguns momentos, me senti frustrada por não conseguir marcar as entrevistas porque tanto eu quanto os entrevistados não dispunham de tempo porque ambos vivem uma jornada de trabalho intensa.

Os critérios de seleção se deram por afinidade, por indicações, por facilidade de acesso às escolas. Na verdade não houve um critério de seleção, foi mais uma questão de praticidade. Da dificuldade inicial de localizar os entrevistados houve a recompensa da aceitação e do interesse de todos os entrevistados em responder as questões colocadas.

Durante todo o tempo da pesquisa conversei com diversos professores, ouvindo suas histórias de trabalho e de vida.

Das entrevistas realizadas, sete foram escritas, algumas por mim outras pelo próprio entrevistado. E uma delas gravada em fita cassete num total aproximado de uma hora e vinte minutos. Após gravada a entrevista foi transcrita para análise.

Somente quando contava com todas as entrevistas em mãos ou melhor já concluídas, comecei a analisá-las. Percebi a diferença entre a linguagem falada e escrita e algumas perdas que

a transcrição traz. Foi um momento de reviver algumas histórias, ou melhor, falas que não ficaram registradas. Apesar de no momento de escrever ter ocorrido algumas adequações tentei me manter e colocar o mais fiel possível à fala e à escrita.

Esta monografia compõe-se da introdução e três capítulos e por fim de algumas considerações finais.

No primeiro capítulo abordo a questão do que é ser professor, não querendo chegar a uma definição do que seja essa categoria de profissional. Procuro relatar as concepções que os “novos” professores têm de si mesmos.

No segundo capítulo discuto o papel que a universidade tem na formação dos profissionais da licenciatura, enfatizando que se trata do curso de história da UFU. Analiso as dificuldades que os alunos enfrentam na academia, a ligação entre a universidade e o ensino de 1º e 2º graus, os conflitos de discurso, burocratização e a falta de estímulo etc.

No terceiro capítulo trabalho com a questão da perspectiva tentando discutir como os professores recém formados lidam com os desafios que surgem no início de sua carreira acadêmica e no decorrer de sua vida. Apresento também alguns anseios frente ao ensino e a educação brasileira propostos pelos entrevistados referente a educação atual.

Considerarei que essa divisão nos daria a possibilidade de perceber como o professor de 1º e 2º graus se vê e se sente frente aos alunos e a si próprios. Sendo assim, considero sermos capazes de perceber as dificuldades que o professor recém formado tem tanto à nível de conhecimento quanto de metodologia. Não é um trabalho que se propõe a apresentar formas de trabalhar o ensino de história. Mas sim contribuir através dos depoimentos coletados, abrir caminhos para futuros trabalhos que torne o ensino de história mais dinâmico.

CAPÍTULO I

Concepções do "Ser Professor"

"Professor é acima de tudo, um educador que deve estar comprometido com a constituição do saber de seu aluno".¹

Entrevistei professores de história com pouca experiência, tanto de vida quanto profissional, homens e mulheres ainda jovens. Pessoas que, em grande parte vieram de escolas públicas, principalmente as do estado, percorrendo seu caminhos sobre a forte influência de professores, que tiveram sua formação no regime militar. Alguns dos entrevistados já contavam com alguma experiência profissional.

Entre os entrevistados houve o predomínio de homens: Geraldo, Klebson, Luiz Humberto, Luciano, Salvador e Luiz Carlos, foram apenas duas mulheres: Rosa Maria e Sírley.

A escolha pelo curso de História, segundo a maioria das pessoas entrevistadas em nossa pesquisa, se deu "por acaso". Fora mais um opção pela área de humanas do que especificamente pelo curso de história. Para alguns, no entanto consideram que fora mesmo um opção, originária da necessidade de aquisição de um

¹ Sírley Cristina Oliveira, 25 anos.

conhecimento crítico que pudesse conciliar com suas vidas práticas.

A influência da família e de professores foi importante para outros na decisão pelo curso de história.

Neste contexto, quanto a opção pelo ensino, os entrevistados têm uma colocação quase que unânime. Ou seja, o ensino veio mais como uma necessidade de emprego, por mais que considerem que a remuneração paga aos professores no Brasil em todos os níveis do ensino, exceto nas escolas particulares, que encontram-se defasadas.

No depoimento de Luiz Humberto Martins Arantes ele nos conta como se deu sua opção pelo ensino.

“Quando se forma em qualquer coisa pensa se logo na necessidade do emprego, por mais que a remuneração de professor neste país não seja das melhores, ainda é uma profissão em que se pode conciliar horas de trabalho e prazer de se estar fazendo algo”²

Luiz Humberto, como os demais entrevistados, começou sua carreira professor ainda na graduação, participando de projetos

² Luiz Humberto Martins Arantes, 29 anos
Mestrado em História pela UNESP/FRANCA-SP

desenvolvidos pelos próprios professores do curso sendo estagiário de pesquisadores em fase de conclusão de mestrado e também bolsista de iniciação científica. Percebe-se desta forma, que há todo um aprendizado, uma aquisição de conteúdo por parte do aluno da graduação anterior ao exercício de sua carreira.

Embora tenhamos colocado que nesse capítulo falaríamos das concepções que esses jovens professores entrevistados têm de si próprios enquanto educadores, julguei de extrema importância falar um pouco de suas curtas trajetórias de trabalho.

Narrar a forma como se trabalha a disciplina de história em sala de aula, foi de certa forma, inquietante para os entrevistados. Muitas questões sobre a maneira como eles ensinam história foram descritas de forma pouco espontânea e aberta, mas houve aqueles que perceberam que minha preocupação não era localizar falhas, mas relatar experiências, registrando o movimento as mudanças e as especificidades nas trajetórias de cada um.

Luiz Humberto afirma acreditar.

“No espaço da sala de aula como lugar privilegiado para exercício da reflexão em benefício da produção do conhecimento histórico, neste sentido é imprescindível a troca de informações professor-

aluno. Mas há as suas diferenças, pois o professor não pode prescindir da preparação das aulas nem da necessidade de se estabelecer avaliações periódicas(...)"³

Seu depoimento nos remete para uma questão importante. É imprescindível para qualquer professor, seja de qual área for, a preparação de sua aula. A massificação do ensino pós-64 e, conseqüentemente, um aumento quantitativo do número de alunos em sala de aula, acompanhado de um total descrédito do investimento público na área a educação influenciam no desempenho do professor. Sírley em seu depoimento nos fala de outro problema na preparação das aulas.

"Percebo que a relação Professor -professor em escolas publicas não é amigável. Trabalhei em uma escola cuja área de história nunca sentou para discutir nada, nem preparar materiais, o trabalho se tornou individual (...)"⁴

É impossível para qualquer professor desenvolver um bom trabalho em salas de aulas que contém quarenta, a cinquenta

³ Luiz Humbeto Martins Arantes, 29 anos.
Mestrado em História pela UNESP/FRANCA-SP.

⁴ Sírley Cristina Oliveira, 25 anos.

alunos ou até mais. O incentivo que o governo vem dando a educação é a redução do quadro de funcionários, aglutinando os alunos em salas de aulas, acabando aos poucos com os benefícios oferecidos aos funcionários públicos adquiridos com muita luta.

“ (...) Entretanto, a categoria não reivindica apenas o aumento de salários, mas luta por uma política de valorização dos profissionais do ensino, professores, serviçais, funcionários de secretaria etc.. O governo estadual tem promovido uma propaganda enganosa que visa apenas jogar a opinião pública contra o professor. “Minas faz uma revolução na educação” fechando escolas e fundindo salas. Nossa realidade não condiz com a “TV Escola” e infelizmente aceitamos tudo o que o governo “nos empurra”. “⁵

É impossível esperar um bom desempenho profissional de professores que muitas vezes chegam a trabalhar até 3 períodos consecutivos. O descaso do governo com a educação tem obrigado a classe de professores a trabalhar muito mais, indo de uma escola à outra dobrando turno como já foi dito anteriormente

⁵ Geraldo Júnio Pinheiro Santos, 21 anos

para manter um padrão de vida baixo se comparado aos dos professores rede particular.

“(...) As condições tanto na rede municipal quanto na Estadual são precárias, começando com a baixa valorização salarial do profissional, que se vê “obrigado” a ser um professor auleiro, sem tempo para se preparar e sem as condições necessárias para reciclar seus conhecimento, isso gera um descontentamento do profissional”.⁶

O relato de Salvador nos mostra que o bom desempenho profissional dos professores depende fundamentalmente de conhecimento, leituras, cursos etc... E mais justifica e explica a escolha do tema “A formação do professor de história”.

Segundo seu relato o profissional não sai da graduação ou pós-graduação seja o que for, com um conhecimento pronto e acabado. Principalmente o historiador que trabalha com um conhecimento sujeito a todo momento a novas interpretações. O professor de história, além de trabalhar com um conhecimento subjetivo, trabalha com sujeitos ativos que, muitas vezes, não concordam com a posição e a linha de pensamentos do professor.

⁶ Salvador Fragda Neto, 35 anos.

Esse, no entanto tem que saber expor as várias vertentes historiográficas deixando livre para seus alunos escolherem a que melhor se enquadra ao seu estilo de vida. Muitos professores cometem esse erro, de tentar impor sua linha de pensamento para seus alunos. E o resultado é que acabam passando uma imagem de uma história fixa, imóvel no tempo onde as pessoas não participam da história.

Nos depoimentos ficou claro que a situação econômica adotada ou melhor vivida nos últimos anos piorou as condições de trabalho do professor: achatamento salarial progressivo, e as próprias condições de trabalho também vem-se alterando, a deterioração de equipamentos, dos edifícios, a deterioração na própria relação entre a instituição e o governo, o resultado disso é que o professor é obrigado a trabalhar em vários empregos. Isso leva o professor a manter, nesse período uma dedicação quase heróica para sustentar sua motivação e sua esperança de que a educação pode fazer alguma coisa nesse país, tentando valorizar inclusive, o seu trabalho. Mas, por outro lado, uma grande parte dos professores também esta desmotivada e apática e não encontra saídas.

Ser Professor: O "Choque" entre o "Gratificante" e o "Preocupante"

Os professores recém formados saem da universidade com uma expectativa sentimental, emocional muito diferente de uma proposta cognitiva, com a qual buscariam unir a prática ou até reformular um processo de transformação para fazer uma educação melhor.

“Ser professor é ser um agente estimulador do conhecimento quer seja da perspectiva da aquisição da transmissão ou da produção”⁷

Na vida de quase todas a figura do mestre for uma figura capaz de despertar um campo cheio de possibilidades, novos universos levando-nos a desejar conhecer. Pelo menos é o que demonstra nossos entrevistados.

“(....) E horrível saber que o professor tem um certo poder de direcionamento da tendência ideológica do aluno, mas ao mesmo tempo não sabemos utiliza-la”⁸

⁷ Luciano Pereira França, 28 anos

⁸ Klebson Ferreira Barros, 23 anos.

O professor é visto em primeiro lugar, como um interlocutor frente a um grupo de pessoas, de alunos e, por isso mesmo, deve ser um bom comunicador. Ser um bom comunicador envolve questões complicadas de linguagem e ajustamento de forma e conteúdo, bem como de relacionamento pessoal.

“Ser professor é essa satisfação da inversão, é o prazer do ator, é ser um personagem que divulgue conhecimento histórico”.⁹

Em segundo lugar, ser professor não é uma tarefa simples como se supõe, mesmo a aula é uma atividade que apresenta muitas dificuldades. É necessário pensar que a tarefa de ministrar aulas supõe atividades diferenciadas e muito complexas, nem todos os professores têm condições para realizá-las bem. Ou seja, alguns professores estão mais capacitados para estabelecer processos de comunicação, alguns possuem maiores recursos para processar avaliações, alguns têm maior capacidade de síntese, ou ainda para desenvolver determinados tipos de raciocínio. Mas, é difícil até de se pensar que a mesma pessoa consiga realizar bem, todas as tarefas que são próprias da docência.

⁹ Luiz Humberto Martins Arantes, 29 anos.

“É preciso ter bossa pra se professor”(…).¹⁰

O depoimento de Rosa Maria nos remete para questões importantes. A idéia que a gente tem é que os alunos do curso de história, todas os que se formam são naturalmente os sucessores daqueles “profissionais” que estão na rede pública ou particular. Agora não é sempre assim. O fato de você ter se formado, não te garante que você seja um bom professor.

“(....) Então é necessário que você tenha bom senso, bagagem e critério.(....)”¹¹

Rosa Maria nos explica sua colocação dizendo que : Além da “Bossa”, o professor de história tem que ter toda uma bagagem de conteúdo teórico aliada ao bom senso, ao talento para que consiga fazer uma reelaboração daquilo que se sabe. Pois você tem que saber qual forma com qual vai discutir determinado assunto. Aliada a tudo isso ela nos coloca que o professor tem que ter formação, tem que ter diploma de licenciatura, pois é a licenciatura que dá no mercado de trabalho o primeiro dispositivo para você disputar com o outro.

¹⁰ Rosa Maria Ferreira da Silva, idade não informada

¹¹ Idem

Pelos depoimentos pude notar que a essência do trabalho do professor, como comunicador criativo, elaborador de sínteses têm de se pautar pelo domínio de seu campo de trabalho, mas também de freqüentes incursões pelo conhecimento de outras áreas. Pois toda vez que temos de fazer alguma coisa, são diversas as áreas do conhecimento das quais nos servimos. É preciso também um grande sensibilidade para traduções do saber e para as formas de recepção com que os diferentes públicos recebem ou repelem as citações do conhecimento que foi selecionado.

“(....) Eu digo que é necessário muita humanidade, mas humildade demais para você aprender. Entretanto é necessário uma humildade infinitamente maior para poder ensinar.(....)”¹²

Como é muito difícil medir a dificuldade do outro, e, de certa forma complicado há uma tendência natural de certos professores de estabelecer um muro, classificando o aluno de “burro”, justificando que o aluno não acompanha o raciocínio. O movimento do professor jamais pode ser este. Ele tem que perceber a diferença, ele tem que tentar alcançar o outro na sua especificidade.

¹² Rosa Maria Ferreira da Silva, idade não informada.

CAPÍTULO II

O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

“Não creio que a Universidade sozinha prepare alguém.”¹

Procurei nesse capítulo perceber os vários momentos que fizeram dos entrevistados professores de história, resgatando as experiências que fizeram parte de suas vidas desde o ingresso na Universidade.

Questões como início da vida acadêmica, aprendizagem, relação Universidade/Escola foram colocadas nas entrevistas que tentarei demonstrar de maneira mais fiel possível aos depoimentos.

As histórias de vida dos narradores demonstram que o aluno ao entrar na Universidade nem sempre tem bem definido em sua cabeça o que ele deseja.

“Sensação de alienação de não saber e nem conhecer nada do fator acadêmico. (...)”²

¹ Luciano Pereira França, 27 anos.

Mediante isso, alguns se esforçam para ter rendimentos favoráveis. Os outros continuam na Universidade por demonstrar uma posição superior a quem está de fora da academia, na verdade um certo “status”.

E ainda tem aqueles que não se identificam e não se encontram dentro do curso. Muitas vezes, por não ter sido o curso escolhido ou por desencontro mesmo, e acabam abandonando o curso de história.

A opção pelo ensino é outro ponto que não se encontra bem definido para os alunos ao entrar na Universidade. Ela vem mais pela necessidade de trabalho, como já foi colocado no capítulo anterior.

As reflexões feitas pelos entrevistados mostraram que a Universidade tem papel fundamental na formação social do aluno. Mas, deixam claro que a Universidade não age sozinha.

(....) “É também necessário uma relação de troca entre instituição e aluno; quando não se quer aprender ninguém consegue ensinar.”³

² Klebston Ferreira Barros, 23 anos.

³ Luiz Humberto Martins Arantes, 29 anos.

Alguns enfatizaram que os elementos transformadores da sociedade aparecem com um aprendizado de cidadania política (sindicatos, partidos, associações,. Etc...).

E não podemos esperar da Universidade que ela forme um professor “Ideal”. O professor, como qualquer outro profissional, vai se formando a partir do momento em que começa a trabalhar. E ainda que é impossível pensar que a Universidade consiga dar conta em um curso de graduação deixar o professor pronto.

Antes porém de começar a colocar os depoimentos dos entrevistados a respeito do papel da Universidade na sua formação, julguei importante colocar que, apesar de desconfortável para muitos há uma generalização do termo “Universidade”. Tanto eu quanto os entrevistados tínhamos plena consciência de que a Universidade é uma instituição composta por um número muito grande de pessoas, muitas delas preocupadas com os caminhos do conhecimento e conseqüentemente, com a formação do aluno, mas também existem outros tantos que não se preocupam.

(....) “A universidade não é só um grupo, ou uma pessoa, existe tensões, conflitos de interesses no seu interior, e os alunos estão nesse fogo cruzado.”⁴

Será a pesquisa e o ensino elementos complementares ou polos extremos no processo de informação? Essa é uma questão que incomoda o aluno da graduação de história, e que vem contribuindo para uma “crise” na formação do profissional da licenciatura. Estabeleceu-se no curso de História e não se sabe quem estabeleceu, que o importante é a pesquisa. O ensino é um apêndice, o que acontece é que os professores são menos professores e mais pesquisadores. Hoje, eles pensam mais em si próprios, nas suas pesquisas, nas publicações, nas participações em congressos, do que em seus alunos.

(....) “O curso de história da UFU não é voltado para a licenciatura ele é muito acadêmico é voltado para pesquisa. Quase não se fala em ensino durante o curso.”⁵

Embora seja uma questão que perturbe os entrevistados, ela ainda não está bem resolvida.

⁴ Luiz Carlos do Carmo, 31 anos.

O professor seria aquele profissional que tem o “dom” da comunicação, que consiga articular numa mesma tarefa várias atividades complexas?

E o pesquisador seria aquele profissional que tem outro interlocutor, que seria o conhecimento? Situando se frente aos problemas do conhecimento, a questão da comunicação não seria para ele fundamental. O problema fundamental é a descoberta, e isso é o que acaba estabelecendo a separação. Seriam essas as diferenças?

Isso precisa ser repensado. Apesar de considerarem que o curso de História da UFU dá mais ênfase à pesquisa, em momento algum demonstraram desejo por uma separação entre pesquisa e ensino.

A complementaridade entre ensino e pesquisa é desejável e é freqüentemente exigida dos professores. E da mesma forma espera-se que o pesquisador seja um grande professor. E também espera-se que supere as desigualdades entre avaliações diferentes do mesmo trabalho.

De outro lado, o que se observa-se é que embora um dos grandes e principais objetivos da licenciatura seja a formação de professores, a preocupação com a atuação com tal é bem menor,

⁵ Síreya Cristina Oliveira, 25 anos.

que com seus trabalhos científicos, administrativos, políticos ou de coordenação de pesquisa.

(...)“As disciplinas que nos dão maior apoio para lecionar apenas se encontram no final do curso, Prática I e II, Didática Geral, Estrutura, Psicologia da Educação”(....)⁶

A avaliação dos alunos que fazem a licenciatura é sempre marcada por forte decepção a respeito do professor que a Universidade lhes preparou para o exercício do papel de professor.

Primeiramente, como mencionado acima as disciplinas pedagógicas são oferecidas no final do curso. Geralmente as disciplinas pedagógicas são oferecidas no final do curso. Geralmente a disciplina de Prática de Ensino I e II é oferecida e trabalhada por professores do próprio curso. No entanto, são sempre salas lotadas, onde o professor não consegue acompanhar o desenvolvimento do trabalho dos alunos estagiários. O resultado é que muitas vezes os alunos universitários conseguem estágios em escolas onde tanto a direção da escola, quanto a professora tem postura fechada, ou seja todos os passos do aluno-estagiário tem que primeiramente ter aprovação da diretora ou da professora. O aluno-estagiário acaba ficando sentado em um banco de um a sala

de aula, durante um ano, assistindo aquela coisa “pasmacenta” de abrir o livro didático, fazer fichamento, entregar fichamento para o professor e depois fazer um trabalho de final de semestre. E acaba sendo assim a experiência de prática de ensino.

Por outro lado, as matérias pedagógicas são oferecidas no momento em que o aluno tem que estar trabalhando no desenvolvimento do tema da monografia. Essas matérias pedagógicas acabam sendo colocadas como sendo de menor importância. São disciplinas trabalhadas por professores de outros cursos, como da Psicologia e pedagogia, que têm uma postura de trabalho diferente. E o aluno de história tem por característica ser muito falante e até “cri-cri”, ele não dá conta de acompanhar a dinâmica do trabalho desses professores, acabam trancando por várias vezes tais disciplinas.

É preciso ressaltar que, os entrevistados que hoje trabalham com a licenciatura, por mais que considerem que suas disciplinas pedagógicas tenham sido “sacais”, não consideram que ela não tenha servido para nada. Pelo contrário, deram muito a esses alunos e poderiam ter dado mais, mas ajudaram a lidar com planejamento, aprenderam a lidar com outro cronograma, saber trabalhar com a diferença, coisas que são necessárias para qualquer professor.

⁶ Geraldo Júnio Pinheiro Santos, 21 anos.

Consideram que as matérias pedagógicas e didático-pedagógicas são trabalhadas por professores de outras áreas com propostas de trabalho pouco atraentes. Muitas vezes são professores que só estão mesmo esperando suas aposentadorias.

“(....) Aquele bando de professores velhos mijando nas botinas, sabe que não é a deles, evidentemente, mas pessoas que se formam na universidade da ditadura militar enfim, todo um procedimento extremamente conservador e arcaico né (...)”⁷

Este fato, no entanto, não seria solucionado se as matérias pedagógicas fossem dadas por profissionais do próprio curso de história. Isso de forma alguma representaria uma forma de ensino mais dinâmica, uma vez que são disciplinas de cursos específicos, pedagogia, filosofia, etc.... O que é preciso para tornar tais disciplinas com metodológicas de trabalho mais dinâmicas? Ter professores formados numa lógica diferenciada, com certeza achariam as disciplinas pedagógicas bem mais instigante.

De novo a gente volta no mesmo ponto, ao círculo vicioso: Você forma um profissional sob uma determinada ótica, ele virá para a Universidade formar outro profissional com a mesma ótica.

⁷ Rosa Maria Ferreira da Silva

“ (...) A Univrersidade falha quando não investe na contratação de bons profissionais ou não investe na formação dos já existentes”.(....)⁸

A responsabilidade é sem sombra de dúvida, do Estado na medida que você paga impostos, ele deve oferecer para as pessoas um ensino mínimamente qualitativo. Mas a realidade do ensino universitário é bem diferente. O Governo Federal, como acontece com os professores da rede Estadual, “esqueceu” da política salarial.

“Em outubro, faremos 1000 dias sem aumento salarial. Isso basta?”⁹

Desmotivados com os salários pagos, grande parte dos “bons” professores estão se aposentando, indo para as faculdades particulares onde os salários são bem mais atraentes. Para agravar ainda mais a situação, o Governo luta de todas as formas para por o fim à estabilidade dos professores e de todo setor público. Não abre concurso para efetivação de novos

⁸ Luiz Humberto Martins Arantes, 29 anos.

⁹ Idem

professores, e os poucos funcionários que contrata não investe no processo de formação.

Este fato evidencia uma outra realidade: nunca a classe de professores esteve tão desmotivada. Greves, paralisações já não são “armas” eficazes para combater o descaso do governo frente ao ensino universitário. Sempre houve momentos difíceis, principalmente quando se cobrou do governo a responsabilidade frente ao ensino público. Há divergências dentro da própria classe de professores, no sentido da convivência de várias linhas de pensamentos, umas mais abertas outras mais fechadas. Mas, percebemos que os professores estão vendo o governo tomar suas decisões, e por mais que não concordem, não sabem como reagir contra elas.

Tais problemas estão relacionados com a instituição universitária como um todo e vêm dificultando o processo de formação dos alunos universitários.

No relato de Sírley ela nos coloca que a Universidade não tem como preocupação maior a formação do aluno.

*‘(...) A universidade hoje não dá assistência ao aluno para a participação em eventos científicos e muitas vezes nem promove esses eventos’.*¹⁰

Além da Universidade não promover recursos que contribua na qualificação e formação do profissional da licenciatura, temos uma outra questão muito presente na fala dos entrevistados.

*“O conhecimento técnico adquirido na academia não responde a realidade do ensino lá fora (fundamental e médio) ”.*¹¹

Em seu depoimento Luciano reafirma o distanciamento do discurso da prática da sala de aula’.

*‘No caso específico do ensino de história talvez haja um desencontro entre os conteúdos da formação universitária e as de 1º e 2º graus (...)’*¹²

Diante disso, muitos poderiam colocar que a boa apreensão e reflexão do conteúdo universitário nos habilitariam a lidar com o

¹⁰ Sirley Cristina Oliveira, 25 anos.

¹¹ Kleberton Ferreira Barros, 23 anos.

¹² Luciano Pereira França, 27 anos.

conteúdo de 1º e 2º graus, até de maneira mais abrangente e diversificado, portanto até melhor.

Mesmo que a universidade consiga num curto espaço de tempo da graduação, despertar uma reflexão crítica no aluno capaz de levá-lo a ser capaz de discutir qualquer tema com clareza, coisa que é muito difícil.

Além da Universidade não promover eventos científicos, nem de dar assistência suficiente na preparação do aluno, há outro fator agravante, grande parte dos alunos da graduação do curso de história é formada por pessoas de classe “baixa” que precisam trabalhar, tanto para ajudar a família quanto para manter os estudos. Apesar do estudo ser “gratuito” tem toda uma despesa com xerox, livros, até mesmo gastos com locomoção. Muitas vezes, esses alunos trabalham até 8:00 horas diárias. O curso de história exige uma carga de leitura muito grande, e o aluno com uma carga horária de 8:00 hs de trabalho, já fica em desvantagem pois não tem tempo para leituras complementares e, conseqüentemente, não terá um bom desenvolvimento crítico reflexivo.

Sem dúvida, o curso de história da UFU precisa remanejar seu conteúdo, precisa colocá-lo mais próximo ao conteúdo de 1º e 2º graus, principalmente para os alunos que têm como objetivo a licenciatura.

“(...) Na verdade quando iniciei na escola não aproveitei nada do curso, justamente por causa das diferenças de discursos academia x escola”.¹³

É preciso que a Universidade assuma o papel importante que na verdade é dela, de coordenar recursos intelectuais e didáticos para contribuir na formação dos professores.

“O profissional que lida diretamente com o aluno, pode as vezes estar interessado com o processo de formação dos alunos, no entanto o profissional da administração universitária (Reitores, governo) não apresenta nenhuma preocupação”.¹⁴

Como já foi colocado anteriormente é impossível para Universidade dar toda uma contribuição de conhecimento e conteúdo para o aluno em tão pouco tempo. A formação do professor se dá através de um programa de preparação a longo prazo.

O ideal seria que se criasse um lugar na Universidade para atender as necessidades dos que já estão diplomados. Isso

¹³ Geraldo Júnio Pereira Santo, 21 anos.

¹⁴ Idem

implicaria tanto a vinda do professor à Universidade quanto a ida da Universidade à escola.

Capítulo III

PERSPECTIVAS E ANSEIOS FRENTE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Quantos professores recém formados na instituição universitária, que se beneficiaram de uma boa formação em seu campo de especialização, não se sentem seguros quanto ao manejo das atividades do ensino, por não terem estudado disciplinas que se enquadram dentro da área da educação! Estes professores vivem um permanente conflito, pois sentem que tendo um amplo domínio do conteúdo e devendo ensiná-lo por dever de ofício, não têm aqueles conhecimentos básicos capazes de orientá-los quanto as decisões necessárias para bem desenvolver sua atividade de professor.

“(...) Entrei efetivamente numa sala de aula como professora aos 18 anos, entrei assim vitimada pelo meu narcisismo natural, acreditando que eu dominava absolutamente

tudo no que dizia respeito a história e que eu estava pronta para poder dar aula de 2º grau (...).¹

Por falta de maturidade, ou até mesmo por falta de perspectiva quanto ao ensino, muitos professores ao se iniciarem na docência não se sentem seguros e preparados, e acabam desistindo e só voltando a trabalhar com o ensino bem mais tarde.

“(...) O fato é que o ensino é recíproco e tem um movimento de ir e vir e é aí que você vai aprendendo, foi na sala de aula que eu percebi que eu não estava pronta para ele.”²

Alguns aspectos devem ser ressaltados sobre o início, ou a entrada na carreira de magistério, ela se deu na rede estadual, os novos professores entram na rede pública substituindo professores que estão afastados por motivos de doença ou por férias por tempo de serviço pois grande parte dos professores da rede pública, principalmente da estadual, já somam anos e anos de trabalho. E essas substituições dificultam o trabalho dos novos professores, uma vez que eles têm que seguir a proposta do professor efetivo.

¹ Rosa Maria ferreira da Silva, idade não informada.

² Idem

“Como professor designado não possuo estabilidade e posso perder a vaga facilmente com a chegada de um professor efetivo (...).”³

Uma outra dificuldade é que iniciam em escolas localizadas em bairros distantes, na periferia, indo de uma escola a outra dobrando turno, o que torna o cotidiano corrido e estafante.

Os primeiros anos do magistério também representam muito para os entrevistados, é uma fase de descoberta, de vontade de aprender, crescer.

“(...) Quando comecei a lecionar era daqueles que consideram o magistério, a função do professor como um sacerdócio. Atualmente, minha opinião se transformou e vejo que o professor é um ser humano que se constrói através de acertos, mas também de erros. (...).”⁴

É também o momento em que se sente insegurança e despreparo para o exercício da docência, o que pode estar atribuído à falta de prática e de cursos preparatórios. Nos

³ Geraldo Junio Pinheiro Santos, 21 anos

⁴ Idem

depoimentos, percebemos que os entrevistados não querem entrar no esquema tradicional de ensinar, do uso exclusivo do livro didático, de trabalhar o ensino de história como sendo algo exclusivamente do passado. Mas, ao mesmo tempo, por mais que tentem inovar, reconhecem que é difícil transpor barreiras e realizar o trabalho que sonhava.

“É uma constante luta, principalmente se é um profissional de história num terreno conservador que é a escola.(...)”⁵

O chamado “primeiro encontro” como é colocado pelos entrevistados. Exige que o professor iniciante tenha no mínimo domínio e conhecimento do conteúdo. E esse conhecimento, em grande parte, tem que ter sido adquirido na vida acadêmica.

“(...) É necessário que você tenha um domínio e no mínimo ótimo do conteúdo para que você possa se sentir seguro suficiente para poder enfrentar, porque no primeiro momento é um enfrentamento.(...)”

⁵ Geraldo Júnio Pinheiro Santos, 21 anos.

Os primeiros momentos da carreira aparecem, para a maioria, como um momento de dificuldade, proveniente da falta de estabilidade, da falta de preparação e de falta de maturidade prática. É nesse estágio da vida ou melhor nesse estágio da carreira que revelam uma diversificada busca de desafios.

“(....) Vontade de trabalhar com o ensino, encontrar escolas aparelhadas, sem discriminação, encontrar escolas que promovam o debate pois é a partir dele que se chega a verdadeira democracia.”(....)⁶

Sentem a necessidade dos alunos participarem das aulas, manifestar em dar opiniões, gostam de vê-los discutirem e opinarem sobre história. Sentem, acima de tudo, a necessidade de formarem consciência.

No decorrer deste percurso pode-se perceber uma diversidade de concepções e práticas de ensino desses jovens professores.

Há professores que acreditam que sua “missão” enquanto educador é simplesmente transmitir conhecimento mas, tem aqueles que tentam de várias formas possibilitar a seus alunos que organizem suas experiências de maneira conjunta com o

⁶ Geraldo Junio Pinheiro Santos, 21 anos.

conhecimento do professor, levando-os a perceber de forma crítica o mundo a sua volta.

A tentativa de despertar essa consciência crítica nos alunos muitas vezes se choca com a ansiedade desses jovens professores de como se colocar frente a pessoas as quais são profundamente inteligentes.

“(...) Então a maneira como você vai se portar depende da resposta do outro as vezes você faz um determinado planejamento e chega para a sala de aula, a sala está há dois mil anos luz na sua frente.(...)”⁷

Isso é algo que ocorre não só para o professor que está em início de carreira, é uma realidade presente na vida profissional de todo professor. Tem aquelas turmas onde o professor tem que repensar sua prática, repensar seu planejamento, seus dispositivos, seus instrumentos de trabalho, tem que repensar tudo isso. Aliado a tudo isso, o professor tem que fazer uma reelaboração daquilo que ele sabe. Muitas vezes, um determinado assunto que parecia ser inviável trabalhar em uma determinada classe de uma forma reelaborada se torna viável e até muito produtivo.

⁷ Rosa Maria Ferreira da Silva, idade não informada.

“(...) Quando você dá para o outro abertura para ele discordar de você é nesse momento que os dois cresce e que a sala inteira cresce, porque o ensino de história em especial dá-se mediante o questionamento, mediante a dúvida, mediante o embate e se você chega na sala de aula para poder impor o seu posicionamento, a sua leitura você vai estar trabalhando com uma coisa que a história por definição nega que é a verdade.”⁸

As narrativas revelam que as práticas pedagógicas dos professores de história estão intimamente ligadas às concepções de história, de mundo, de educação, de escolas que foram construídas ao longo de diferentes momentos e espaços . Os entrevistados, de certa forma procuram nos mostrar que, apesar da complexidade do ensino brasileiro, tentam de várias formas inovar o ensino de história, com práticas pedagógicas que levem o aluno a criar idéias e, conseqüentemente, o diálogo. Mas, não descartam a necessidade de mudanças.

A mudança é boa quando ela é criativa, isto é, quando ela contribui para melhores oportunidades de realização de valores(concepções de práticas de trabalho). Mas, devemos pensar que há necessidades que impõem a mudança de valores ou surgimento de

⁸ Rosa Maria Ferreira da Silva, idade não informada.

novos valores. Aí é que se requer a atitude crítica, indivíduos capazes de discriminar o que é de fato um valor em termos de significado e relevância social.

É preciso aumentar nosso repertório de sensibilidade e aceitação daqueles modos diferentes de proceder, mas distintos dos nossos e até de certa forma diferente do comum, ainda assim capazes de levar uma pessoa ou até mesmo um grupo a realizar objetivos individuais ou sociais.

O professor não pode recolher-se às suas vivências, valores ou atitudes. Deve estar aberto a aceitar novos posicionamentos e ser capaz de orientar e ajudar seus alunos no desenvolvimento do seu trabalho. O professor que cultiva o espírito crítico é aquele atento à novos posicionamentos sabendo dar apoio se eles forem realmente construtivos.

Uma outra questão que julguei de extrema importância discutir neste capítulo é o papel que esse jovens professores atribuem à função que vem desenvolvendo. Para eles, ainda não está bem definida a questão do ser produtor ou reproduzidor do saber histórico. Consideram que quando se é aluno, pensa-se apenas ser um reproduzidor vendo a história como um amontoado de pontos de vista e, a partir de então divulga as idéias dos outros.

Mas muitos, após concluírem a graduação e começarem a trabalhar nas escolas de 1º e 2º graus, ainda se definem como sendo apenas reprodutores. Salvador justifica minha colocação.

“Pelas condições de trabalho impostas pelo sistema que impele o professor a trabalhar 2 até 3 turnos.”⁹

Se o sistema leva e contribui para que os professores de história sejam reprodutores, há aqueles que se consideram cidadãos produtores de história e como professores reprodutores do saber histórico, uma vez que não consideram que produzem novos conhecimentos sistematizados para o saber histórico. No entanto, aqueles que se consideram produtores de história, ponderam que ainda se tratam de profissionais em formação, em amadurecimento, tendo dado os primeiros passos como historiador.

Temos aqueles que não se definem nem como produtores nem reprodutores, mas sim como investigadores do saber histórico, ou até mesmo instigadores da consciência.

Por outro lado, percebemos que os entrevistados têm orgulho de falar de si mesmos. Reconhecem que estudaram muito, fizeram

⁹ Salvador Fragda Neto, 35 anos.

tudo por prazer, por mais que muitas vezes considerem complicado demais. Reconhecem seus esforços e são capazes até de dizer que são excelentes professores. Têm autocritica e são capazes de ouvir a crítica do outro, o que é importante para qualquer profissional.

O mais interessante é que por mais que muitas vezes se encontrem perdidos na prática pedagógica, esses jovens professores são capazes de reconhecer que são profissionais e pessoas que se encontram em processo de formação e amadurecimento.

Somente o trabalho de pesquisa consegue levar esses jovens agora formados na graduação, a dar um salto na questão da produção do conhecimento histórico.

A educação, ou melhor o processo de aprendizagem é constante. O processo de desatualização é rápido. Os tempos atuais são de ênfase na educação permanente. O diploma de graduação significa apenas a iniciação. Certamente, o professor é o mais fortemente atingido por essa tendência, pois o professor é o profissional que deve se habituar a estudar continuamente. Ele se adapta e se modifica e sempre busca mais e mais altos padrões de desempenho e realização pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que este trabalho tem sua validade na medida em que abre caminho a discussões acerca do profissional da licenciatura que o curso de história da UFU tem formado.

Poderia ter trabalhado com uma rica bibliografia específica sobre a formação do professor de história, uma vez que a temática sobre o processo de formação do professor já vem sendo trabalhado em várias universidades sobre diferentes pontos de vista

As questões aqui colocadas foram pensadas por mim, a partir do dialogo com as fontes e também por orientação da prof^a. Christina.

Considerei que trabalhando assim a pesquisa poderia dar resultados melhores, uma vez que minha intenção era relatar experiências, dificuldades e práticas pedagógicas dos iniciantes na difícil arte de dar aula. Posteriormente, a pesquisa poderá ser enriquecida com mais fontes bibliográficas.

Ainda que algumas idéias aqui colocadas não estejam bem amadurecidas, este trabalho deu-me a oportunidade de acompanhar o trabalho de vários professores da rede pública,

principalmente em escola do Estado onde o ensino vem enfrentando maiores dificuldades.

A pesquisa me possibilitou perceber as dificuldades que os professores enfrentam no inícios de suas carreiras. Quando comecei a trabalhar com o tema, via os professores como os grandes “vilões” os principais responsáveis frente ao descaso de ensino de história. Mas nos depoimentos eles demonstraram ser sujeitos em construção, cheios de potencialidades, mas cercados de limitações.

No que se refere a instituição universitária e, conseqüentemente, sua responsabilidade no processo de formação desses profissionais da licenciatura, percebi que os entrevistados como eu, sofreram ou sofrem com a estrutura rígida da Universidade. Isso tem levado a problemas sérios como desmotivação, falta de criatividade dos alunos. Grande parte dos alunos do curso de história, quando estão em fase de conclusão do curso, ou seja, precisam defender suas monografias, têm encontrado dificuldade em conseguir professores “disponíveis” para orientá-los, exceto aqueles alunos que estão em projeto de pesquisas.

Mas, há também, professores universitários que muitas vezes estão trabalhando em seus projetos de pesquisas, mestrado ou doutorado, e ainda conseguem conciliar um número muito

grande de orientados. Sem dúvida, a instituição universitária precisa se transformar. Somente assim as escolas de 1º e 2º graus poderão contar com profissionais mais dinâmicos.

Pessoalmente considero que a pesquisa foi muito importante para mim. Possibilitou-me perceber que o professor é um profissional que está eternamente em formação, cada aula é uma experiência nova e o professor amadurece com todas elas. Ajudou-me a entender que o professor é um profissional privilegiado, capaz de transformar a sociedade, uma vez que trabalha com mentes extremamente inteligentes, pessoas que estão em processo de organização das idéias e de formação de uma consciência. O professor de 1º e 2º graus necessita de métodos que lhe ajude a formar cidadãos política e socialmente mais situados e instruídos para enfrentar a vida.

Fontes Consultadas

1. Luiz Humberto Martins Arantes, 29 anos, professor contratado do Curso de História da UFU.
2. Klebston Ferreira Barros, 23 anos professor contratado pelo Colégio Lá-Salle
3. Sírley Cristina Oliveira, 25 anos, professora contratada pela Escola Estadual Clarimundo Carneiro, ensino fundamental, séries: 5ª e 8ª.
4. Geraldo Júnio Pinheiro Santos, 21 anos, lecionando na Escola Estadual Cristóvão Colombo, séries: 5ª à 8ª.
5. Luiz Carlos do Carmo, 31 anos, professor da Escola Estadual Lurdes de Carvalho, séries: 5ª à 8ª.
6. Salvador Fragda Neto, 35 anos, professor em Escolas do Município e Estado de 1º e 2º graus.
7. Luciano Pereira França, 27 anos, Graduado em Medicina - UFU, Graduado em Licenciatura em História - UFU.

8. Rosa Maria Ferreira da Silva, idade não informada, Mestre em História pela UFMG, atualmente professora substituta do Curso de História da UFU.

Bibliografia Geral

Texto de Ernesta Zamboni F.E. UNICAMP "O conservadorismo e os paradidáticos".

Texto de Luiz Carlos Villalta * "Dilemas da relação Teoria e prática na formação do professor de História: alternativas em perspectiva".

Fonseca, Selva Guimarães. Caminhos da história ensinada / Selva Guimarães Fonseca. - Campinas, SP : Papirus, 1993 - (Coleção Magistério, Formação e trabalho pedagógico)

Texto de Elza Nadai. "O Ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva".

Nunes Silma do Carmo. Concepções de mundo no ensino da história - Campinas, SP: Papirus, 1996- (Coleção e magistério: formação e trabalho pedagógico).

Texto Nicholas Davies. " O livro didático e História: Ideologia Dominante ou ideologia contraditórias".

Pimentel, Maria da Glória

O professor em construção / Maria da Glória

Pimentel - Campinas, SP : Papirus, 1993, -

(Coleção Magistério, Formação e trabalho pedagógico)

Marques, Juracy Cunegatto

Os caminhos do professor, incerteza, inovações, desempenhos. Porto Alegre, Globo, 1997.

Denice Bárbara Catani - Hercília Tavares de Miranda - Luís Carlos de Menezes - Roseli Fischmann.

Universidade, escola e formação de professores
São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1987.

Fonseca, Selva Guimarães.

Ser professor de história : Vidas de Mestres Brasileiros.

Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1996